CAMILO CASTELO BRANCO

ESPINHOS E FLORES

PQ
9261
C3E8
1864

ESPINHOS E FLORES

PQ
9261
C3E8
1864

PORTO—TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
Rua Ferreira Borges n.º 31

AO SNR.

ALEXANDRE HERCULANO

Eu sigo aquella velha usança de offerecer aos principes obras que a magnanimidade regia acceitava, com o mesmo beneplacito para as excellentes e para as mediocres.

No meu mundo, que se présa de não ser o mundo de todos, tambem ha principes assentados em thronos inabalaveis: na firmeza dos thronos está a grande differença entre os dois mundos.

A obra offerecida não é adulação, nem siquer lisonja, porque não vale um grão de myrrha.

Alexandre Herculano disse que não ha lauda impressa que não tenha o seu merecimento. Entre tantas, haverá n'este folheto uma só, onde o profundo philosopho encontre a verdade do coração humano?

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PESSOAS

JOSEFINA.

D. AMALIA.

MARIA—oito annos de idade.

PADRE HENRIQUE.

PEDRO D'OLIVEIRA.

LUIZ DE ATHAIDE.

CAVALHEIROS—denominados 1.º, 2.º e 3.º

DAMAS—com a mesma denominação.

CRIADOS.

PRIMEIRO QUADRO

O interior d'uma casa d'aldeia, com limpeza, mas singelamente mobilada.

SCENA I

PADRE HENRIQUE, *á esquerda, rezando no seu breviario, defronte de* JOSEFINA, *sentada n'uma esteira a costurar, com uma banqueta de trabalho junto d'ella.*

PADRE HENRIQUE, *marcando com os oculos a pagina d'um livro*

Estás a chorar, Josefina?... Valha-te Nossa Senhora... Essas tuas lagrimas perdem a virtude por serem de mais...

JOSEFINA, *enchugando as lagrimas*

Quando deixarei eu de chorar, meu tio?! ..

PADRE HENRIQUE

Quando a graça de Deus, bem merecida pela resignação, vier em teu auxilio.

JOSEFINA

Bem resignada estou...

PADRE HENRIQUE

Estás... Oito annos a chorar!... Bom é que chores... Se não fosse a respiração das lagrimas, tinhas morrido, filha.

JOSEFINA

Não mereci a Deus essa esmola.

PADRE HENRIQUE

Nem lh'a deves pedir... que és mãe.

JOSEFINA

Hoje não peço... Vivo para minha filha...

PADRE HENRIQUE, *affavel e risonho*

Só para tua filha, ingrata? (*Põe-lhe a mão na cabeça, e beija-lh'a.*) Que estás fazendo? (*Senta-se na banqueta.*)

JOSEFINA

Estou a bainhar o seu lenço.

PADRE HENRIQUE

E a lavar-m'o com lagrimas... Onde está a pequena?

JOSEFINA

Debaixo da ramada fazendo uma casinha.

PADRE HENRIQUE

Vae buscal-a que são horas da lição... Ora anda... (*Josefina sahe.*)

SCENA II

PADRE HENRIQUE

Coitadinha... é uma martyr... Como será a consciencia do homem responsavel d'este infortunio? Deus

perdôe a ambos... A desgraça d'algumas creaturas, n'este mundo, é prova da vida futura... Atormentada oito annos, amando-o sempre, esperando-o todos os dias... Ella diz que não... mas as boas almas não sabem fingir-se... Esperando... o que? Deixal-a esperar até á morte... Por fim virá o céo. Deus me livre de lhe combater a esperança...

SCENA III

PADRE HENRIQUE, JOSEFINA E MARIA

JOSEFINA, *com a menina ao collo*

Valha-me Deus! Fui encontral-a com os pésinhos mettidos nas pôças... Ralhe-lhe, meu tio.

PADRE HENRIQUE

Ah, travêssa! Eu vou castigal-a, bem castigada... Ora, dá-m'a cá.

JOSEFINA, *a meia voz*

Não lhe ralhe muito... —

PADRE HENRIQUE

Tal és tu como ella... Vae cuidar do jantar, que são horas. (*Josefina sahe; o padre senta-se com a menina ao pé, monta os oculos, e folheia um livrinho.*) Ora leia no seu livro, sua traquinas. Diga lá.

MARIA, *lendo*

«Uma filha que faz chorar sua mãe, causa-lhe o «pesar maior que póde causar-lhe, isto é, o pesar de «ser mãe.»

PADRE HENRIQUE

Lê com pausa, Maria. (*Repete elle a leitura.*) Isto

quer dizer que tua mãe, quando a fazes soffrer, antes quereria que tu não fosses sua filha, entendes?

MARIA

E a maman já não é minha amiga, tio?

PADRE HENRIQUE

Se já não é tua amiga... Eu sei!... Tu andaste no quintal com os pés mettidos nos charcos... Parece-me que já não é tão tua amiga como era... Tu assim o queres... Não chores, filha; tudo se remedeia... Se me promettes não ir mais ao quintal por mau tempo, faço que tua mãe seja amiguinha como era.

MARIA

Prometto, prometto.

PADRE HENRIQUE

Ora deixa estar que ella ahi vem.

SCENA IV

OS MESMOS E JOSEFINA

PADRE HENRIQUE

Ora vem cá, Josefina. Maria fez uma promessa de nunca faltar, se tu esqueceres que ella andou a patinhar na agua; mas quer que sejas sua amiga como eras.

JOSEFINA

Se ella promette, e o tio fica por ella...

PADRE HENRIQUE

Fico por ti, Maria? Olha lá se me deixas ficar mal.

MARIA

Não deixo, não; fique por mim, tio!...

PADRE HENRIQUE

Então vá abraçar sua mãe, e venha depois dar uma beijoca no tio padre.

JOSEFINA, *tomando-a para o collo*

Estás perdoada; não tornas a fazer outra?

MARIA, *saltando ao chão*

Não, maman, e deixa-me ir brincar com o frango derrabado?

JOSEFINA

Pois sim, vae, minha filha.

PADRE HENRIQUE

Não, senhora, não vae brincar com o frango derrabado. São horas de estudar a lição de escripta. Vá para o meu quarto, que eu lá vou ter. (*Maria sahe amuada.*)

SCENA V

PADRE HENRIQUE E JOSEFINA

JOSEFINA

Deixe-a ir brincar, coitadinha...

PADRE HENRIQUE

Valha-te Deus, Josefina... o teu amor é de mãe; mas as obrigações do amor maternal tem dureza... dás-lhe demasiado mimo. É preciso comprimires no coração metade da ternura.

JOSEFINA, *com tristeza*

Custa muito...

PADRE HENRIQUE

Custa muito... eu por mim ajuizo quanto custa; mas, sobrinha, põe diante dos teus olhos o peior fu-

turo, se o amor de mãe te não cega. Se não deixares como herança de tua filha um coração humilde, e uma indole muito provada para vencer os grandes trabalhos com a grande paciencia, que sorte será a sua?

JOSEFINA, *pensativa, e tardia nas expressões*

É verdade... nada temos, ou quasi nada temos que lhe deixar; mas o tio não disse que eu posso das economias, que faço de tudo que meu irmão nos manda do Brazil, arranjar-lhe um patrimoniosinho?

PADRE HENRIQUE

E quem nos assegura que teu irmão vive n'este momento? Quem sabe se eu te faltarei ámanhã, e tu precisarás gastar os seiscentos mil reis que tens? Quem nos diz se uma grande doença nos ha de consumir os poucos torrões que temos?... Olha, Josefina, queres saber qual é o melhor destino de tua filha? o céo... a morte, n'esta idade dos anjos.

JOSEFINA

Deus me defenda d'esse golpe!

PADRE HENRIQUE

Cala-te, cala-te, que estás peccando!... Tu parece que não sabes o que é a vida...

JOSEFINA

Sei, sei de mais....

PADRE HENRIQUE

Está bom, está bom, nada de lagrimas... Sabes o que é a vida, e por isso mesmo tens maior obrigação de querer o céo para tua filha.

JOSEFINA

Pois não ha outra esperança? É impossivel viver, e ser feliz, minha filha?! Porque eu fui desgraçada, ha de ella sel-o tambem?

PADRE HENRIQUE

Ha dezoito annos, tinhas tu os annos de tua fi-

lha; promettias um futuro melhor que o d'ella; e por fim... Calemo-nos; não se te póde dizer nada... choras logo...

SCENA VI

OS MESMOS E MARIA

MARIA

O tio não vem?

PADRE HENRIQUE, *indo*

Ahi vou, ahi vou... (*Reflectindo.*) Eu tinha que te dizer, Josefina... (*Para Maria.*) Vai indo, que eu lá vou já.

MARIA

Deixa-me apanhar o frango derrabado só um bocadinho?

PADRE HENRIQUE

Já te disse que não apanhas o frango. Apre! que é teima! (*Maria sahe.*)

SCENA VII

JOSEFINA E PADRE HENRIQUE

PADRE HENRIQUE

Devo lembrar-te que, no mez passado, recebemos carta de teu mano, escripta de França. Dizia elle que estava indeciso se viria a Portugal; mas que talvez

viesse, por ter grande desejo de conhecer uma irmã que deixára de tres annos, e um tio que mal se recordava ter visto na portaria do convento de Vinhaes. Caso venha, promette escrever-me de Lisboa. Ora bem; ha ainda muito tempo para deliberar o que se ha de fazer, se elle vier; mas bom é fallarmos n'isto.

JOSEFINA

Não ha que fallar, meu tio. É recebermol-o como quem recebe um sobrinho, e um bemfeitor.

PADRE HENRIQUE

Dizes bem; mas aqui não ha só uma irmã, e um tio... Está comnosco uma menina, e esta menina... não póde dizer que sua mãe é viuva.

JOSEFINA, *alvoroçada*

Jesus!... Tem razão... Eu não devo apparecer diante de meu irmão.

PADRE HENRIQUE

Não é tanto assim. Se um peccador, cheio de crimes, é recebido na presença de Deus para ser julgado, porque não has de tu, maculada por um erro, apparecer diante dos homens? Este mundo é valle de lagrimas, não é tribunal de condemnados, nem de absolvidos, filha. Quem se esconde com a sua culpa dos olhos d'um irmão, e se mostra a Deus com mais confiança na sua misericordia, parece que respeita o mundo mais do que Deus.

JOSEFINA

Essas palavras são muito amargas, meu tio...

PADRE HENRIQUE

Deixal-as ser nos labios; o coração, que t'as dá, está cheio das doçuras do amor. (*Abraçando-a.*) Tu bem sabes que soffro, se te magôo. A tua dôr tem-me feito supersticioso... Quando te faço involuntariamente chorar, affigura-se-me que tua sancta mãe me repre-

hende... Abraça-me com fé em Deus, e esperança em mim... Vou á tua filha.

SCENA VIII

OS MESMOS E MARIA

MARIA

Maman, maman!

JOSEFINA

Que é, filha, que é?

MARIA

Estão alli á porta uns senhores.

JOSEFINA, *espreitando pela janella*

Uns senhores!... É um homem e uma senhora a cavallo, e trazem lacaio.

PADRE HENRIQUE, *indo á janella*

Quem poderão ser? (*Á janella.*) Quem é que procuram?

VOZ

Mora aqui o snr. padre Henrique?

PADRE HENRIQUE

N'esta freguezia ha dois padres com esse nome; mas, n'esta aldeia, padre Henrique de Oliveira é este seu criado.

VOZ

É o senhor mesmo que procuro.

PADRE HENRIQUE

Eu vou receber as suas ordens. (*Para a sobrinha.*) Isto deve ser alguma encommenda de sermão para Bragança. Eu vou buscal-os para aqui, se elles quizerem

subir. Arranja essa casa. Tira d'alli as minhas botas, Maria. Olha aquella chimarra que não fique sobre a commoda. (*Sahe.*)

SCENA IX

JOSEFINA E MARIA

JOSEFINA, *espanejando a commoda*

Sinto-me tão opprimida! Que me adivinhará o coração! As palavras de meu tio assustaram-me!

MARIA

A maman está triste?

JOSEFINA

Não, filha, não.

MARIA

Eu não torno a patinhar nas poças.

JOSEFINA

Permitta Deus que meu irmão não venha, se ha de vir augmentar as minhas penas... Vem, Maria. (*Sahem.*)

SCENA X

PADRE HENRIQUE, PEDRO DE OLIVEIRA E D. AMALIA

PADRE HENRIQUE

Terão a bondade de desculpar o desarranjo d'esta casa de pobre padre d'aldeia.

PEDRO, *commovido, e com disfarce*

Dá-me licença que me sente? (*Sentando-se.*)

PADRE HENRIQUE, *sacudindo o pó da cadeira com o capote*

Minha senhora, faz favor de sentar-se... O senhor está incommodado?

PEDRO

Não, senhor, estou fatigado... Venho de longe, sempre debaixo de mau tempo, por estradas intransitaveis... Está o snr. padre Henrique muito longe de imaginar o fim que me traz a sua casa.

PADRE HENRIQUE

Espero as suas ordens, meu senhor.

PEDRO

Encontrei-me na exposição de Paris com um cavalheiro, que me disse ser seu sobrinho.

PADRE HENRIQUE

Pois esteve com meu sobrinho?!

PEDRO

É verdade; e, como sou de Bragança, recebi d'elle a satisfactoria incumbencia de lhe dar um abraço. (*Abraça-o commovido.*) E minha mulher tambem é portadora de um abraço para a irmã do meu amigo.

PADRE HENRIQUE

Eu chamo-a... Josefina! (*Sahe, chamando-a.*)

SCENA XI

PEDRO E D. AMALIA

PEDRO, *com transporte*

Respiro! vivem ambos!

D. AMALIA

Estás tão agitado, Pedro! D'esse modo não te disfarças muito tempo.

PEDRO

Talvez não possa.

SCENA XII

OS MESMOS, JOSEFINA E PADRE HENRIQUE

PADRE HENRIQUE

Recebe d'aquella senhora um abraço que teu mano te manda. (*Abraçam-se: Josefina com acanhamento.*)

D. AMALIA, *com jubilo*

Foi uma commissão bem agradavel; mas muito mais agradavel á menina, se o abraço não tivesse portadora...

JOSEFINA

Se Deus não quer que eu veja meu irmão, é grande prazer abraçar uma pessoa que o viu.

PEDRO

E, se o visse, de certo que o não conhecia.

JOSEFINA

Não, meu senhor. Tinha eu tres annos quando elle foi para o Brazil... E meu irmão não vem cá?

PEDRO

Disse-me que tenciona vir... De certo o não conhece, snr. padre Henrique.

PADRE HENRIQUE

A mim? de certo não... Passaram por cá vinte e cinco annos amargurados; mas todas as amarguras,

dobrando-me o corpo, não me venceram a paciencia da alma.

PEDRO

Amarguras!... quaes?!... Não teve elle, desde certo tempo, cuidado em proteger a sua familia?

PADRE HENRIQUE

Meu senhor, o pão do corpo não dispensa o pão do espirito. Eu fallo da penuria da alma, que meu sobrinho não podia remediar... Coisas, coisas de padre velho... Ora vamos... Meu sobrinho tem meios de viver farto e com honra?

PEDRO, *abstrahido*

Creio que sim...

PADRE HENRIQUE

Arranjou os seus haveres por negocio licito? não foi á escravatura?

PEDRO

Não, senhor. Foi doze annos caixeiro com pequeno ordenado, e caixeiro esperava morrer, quando uma senhora muito rica e muito virtuosa o quiz para seu marido.

PADRE HENRIQUE

Abençoado seja o Senhor! Eu disse-lhe sempre de cá: «filho, em tua casa ha um caldo feito em paz e comido com honra; vem quando quizeres.» Não veio. Bem sabia Deus para que o conservava lá... Ora pois, n'estes arredores não ha estalagem. Josefina vai servir os amigos de teu mano.. Dá-nos o melhor jantar que podéres, para fazermos uma saude ao nosso amigo, irmão, sobrinho e bemfeitor.

PEDRO

Nem siquer por delicadeza recusamos, snr. padre Henrique; mas não se dispensa esta senhora do trabalho da cosinha? Nós queremol-a comnosco.

PADRE HENRIQUE

Não é possivel... Minha sobrinha é ama e criada. Vae, vae, Josefina. (*Josefina sahe.*)

SCENA XIII

OS MESMOS, EXCEPTO JOSEFINA

PEDRO

Eu cuidei que seu sobrinho dava para esta casa uma abundante mesada... Permitta-me uma curiosidade... Eu sei os negocios particulares de Pedro de Oliveira. O que elle tem mandado entregar mensalmente á sua familia são trinta mil reis: não os tem recebido?

PADRE HENRIQUE

Pontualmente me tem sido entregues.

PEDRO

E com tal mesada não se póde viver melhor n'uma aldeia?! Desculpe-me estas liberdades...

PADRE HENRIQUE

Póde, sim, senhor.

PEDRO, *risonho*

E então? fizeram voto de viver pobremente?

PADRE HENRIQUE, *risonho*

Eu fiz porque fui frade... (*Triste.*) Ella... se v. exc.ª me dispensa de não corresponder á franqueza da sua pergunta...

PEDRO

Ó senhor... eu é que peço perdão do meu zelo demasiado; mas ha aqui um segredo de familia... (*Áparte.*) Que será isto?

SCENA XIV

OS MESMOS E MARIA

MARIA, *chorosa*

A maman matou o meu franguinho derrabado. (*Vae encostar-se aos joelhos do padre.*)

D. AMALIA

Ai! uma menina tão galantinha!

PEDRO

Uma menina! Que menina é esta? é da sua familia?

PADRE HENRIQUE

Sim, senhor. Logo que Deus sabe que é da minha familia, póde sabel-o todo o mundo.

PEDRO

Mas a sua familia creio que é uma sobrinha, e esta... supponho que é solteira...

PADRE HENRIQUE

É solteira.

PEDRO, *agitado*

E esta menina é sua filha?

PADRE HENRIQUE

Sim, senhor.

PEDRO

Filha natural d'uma irmã de... (*Reprime-se.*) O meu amigo Pedro d'Oliveira ignora a existencia d'esta sobrinha. Não serei eu quem lh'a denuncie... Lá, ao longe, tambem chega, com a saudade, a vergonha dos parentes.

D. AMALIA, *meia-voz*

Pedro!

PADRE HENRIQUE

V. s.ª parece zeloso em excesso do bom nome de minha familia... O extremo zelo em moral é o relaxamento da caridade evangelica.

PEDRO

Mas a caridade, snr. padre Henrique, não absolve escandalos.

PADRE HENRIQUE

Absolve desgraçados.

PEDRO, *com authoridade*

Faz que esta creança se retire? preciso fallar-lhe, senhor.

PADRE HENRIQUE

Vae á tua mãe, Maria. (*Maria sahe.*)

PEDRO, *com severidade*

Eu tenho direito de perguntar pela honra da casa onde nasci. Pedro d'Oliveira está na sua presença.

PADRE HENRIQUE, *expansivo*

Meu sobrinho! devia ter-te conhecido... (*Quer abraçal-o.*)

PEDRO, *afastando-se*

Ainda não reconheci o irmão de meu honrado pae! Eu esperava encontrar, ao lado de minha irmã, um tio, como o anjo protector da sua virtude. Acho uma filha d'essa irmã, como o testimunho d'um crime, sentada nos joelhos d'um padre...

PADRE HENRIQUE, *gravemente*

Os padres não estrangulam creanças. Se querem imitar o divino mestre, recebem-nas no regaço. Não me deis lições de moral, filho de meu irmão. Antes dos vossos insultos, encaneceram-me os cabellos em oito dias. Eu vos perdôo. Podeis fazer que eu chore

alguma lagrima que me resta; mas envergonhar-me, não.

D. AMALIA

Pedro... escuta a tua boa alma!

PEDRO, *apoz momentos de silencio, com tristeza e brandura*

Como foi a desgraça de minha irmã?

PADRE HENRIQUE

É a historia de todas as desgraçadas. Amor, perfidia, desamparo... Mas nem todas as desgraçadas se rehabilitam como ella perante Deus.

PEDRO

E perante a sociedade?

PADRE HENRIQUE

São arrastadas pelos cabellos, recebem depois da culpa o martyrio, e entram mais triumphantes no céo.

PEDRO, *irado*

Vive o seductor de minha irmã?

PADRE HENRIQUE, *sempre com brandura*

Vive.

PEDRO

Em circumstancias de ser seu marido?

PADRE HENRIQUE

Inspirasse-o Deus, sendo elle capaz de o ser.

PEDRO

É um homem em alta posição?

PADRE HENRIQUE

D'esses a quem não chega a lei dos homens.

PEDRO

Nem uma balla?

PADRE HENRIQUE

Não se lava uma nódoa com sangue, meu sobrinho; é com lagrimas.

PEDRO

É um homem a quem se possa offerecer um grande dote?

PADRE HENRIQUE

Póde ser que seja... Eu não conheço bem a omnipotencia do dinheiro.

PEDRO

Vive aqui?

PADRE HENRIQUE

É d'aqui; mas vive em Lisboa.

SCENA XV

OS MESMOS E JOSEFINA

JOSEFINA

Meu tio, eu vinha lembrar-lhe se vocemecê vae pedir a algum lavrador que recolha as cavalgaduras, porque não temos uma loja capaz.

PEDRO

Dispenso o incómmodo porque vou sahir... Vamos, Amalia.

D. AMALIA, *com effusão*

Espera...!

JOSEFINA

Vão sahir?! então não jantam cá?!

D. AMALIA, *áparte*

Que situação esta!

JOSEFINA

Meu tio está tão triste!... Teve algum desgosto! É alguma noticia má de meu irmão, que me querem occultar?...

PEDRO

Se alguma coisa deve aqui occultar-se... é a senhora. Esconda quanto podér o rosto aos olhos de seu irmão, se algum dia elle aqui vier.

D. AMALIA

Pedro! isto é uma crueldade! serei eu a primeira a abraçal-a, e a chamar-lhe minha querida irmã! (*Abraça-a.*)

JOSEFINA

Senhora!... eu não entendi bem...

D. AMALIA

Venha abraçar seu irmão.

JOSEFINA

Meu irmão! (*Crava os olhos no chão e fica immovel.*)

PADRE HENRIQUE, *ao lado d'ella*

Se te sentes enfraquecer, minha filha, tens aqui o teu velho amparo. (*Ella abraça-o suffocada por soluços, escondendo-lhe a face no peito.*)

D. AMALIA, *com muita ternura*

Meu filho, vae abraçar tua irmã! Supplico-t'o eu de mãos postas. (*Pedro senta-se convulsivo.*)

SCENA XVI

OS MESMOS E MARIA

MARIA, *correndo*

Maman!... (*Reparando*) a maman está a chorar! (*Abraça-a.*)

PEDRO, *erguendo-se*

É esse o penhor que me dá da sua virtude, Josefina?

D. AMALIA

Por piedade, Pedro!

PEDRO

Acha que eu devo ter um grande orgulho de entrar em casa de meu pae, que deixei sem mancha?

PADRE HENRIQUE

Meu sobrinho, tendes direito de tomar metade d'esta casa, que é vossa... e mais nenhum. Meu irmão, e vosso pae teria perdoado; vós... passaes a esponja do fel sobre a chaga aberta para sempre.

PEDRO

E a deshonra é uma chaga que feche?

PADRE HENRIQUE

Visto que temeis tanto a sociedade, se sois rico, mostrai-lhe o vosso dinheiro, e ella vos honrará. Algumas vezes o protesto contra o vicio é a deshonra da virtude.

PEDRO

Falla pela bôca do mundo, senhor. Mas eu não oiço o mundo, oiço a minha consciencia. Josefina será minha irmã, quando podér convencer-me que essa creança não é sua filha.

JOSEFINA, *com precipitação*

O quê? não é minha filha? Querem separar-me de minha filha? (*Abraçando-se a ella freneticamente.*)

PADRE HENRIQUE

Isso é impossivel, pobre mãe! Não contas já commigo, Josefina?

PEDRO, *sarcastico*

Dá-lhe animo na deshonra!... A religião dos frades era assim?

PADRE HENRIQUE, *com muita humildade*

Reparti por mim os vossos ultrajes, meu sobrinho, que eu posso bem com elles; mas não injurieis a religião da caridade.

JOSEFINA, *animosa*

E com que direito nos insultam, meu tio?!

PADRE HENRIQUE

Reprehendem-te, filha, não te insultam... Bem póde ser que este resentimento de teu irmão se converta em dó. Chora d'aquellas lagrimas que eu te enchugava. O filho de tua mãe não póde ser uma fera.

D. AMALIA

Perdôa-lhe, perdôa-lhe!

PEDRO

Mas o que é aqui perdoar?!... Ha mulheres que se perderam violentadas pela indigencia. Nem essas devem ser perdoadas: o trabalho é a resalva do crime... Mas esta... perdeu-se no seio da abundancia... Quem lhe perdoará? De que lhe serviram os meios que eu lhe dei para sustental-a virtuosa?!

JOSEFINA, *abrindo um gavetão, e tirando um sacco de dinheiro, com altivez*

Aqui está o seu dinheiro, senhor! Eu era muito rica sem elle... Tinha o amor de meu tio, e de minha filha. (*Correndo a abraçal-a, deixa cahir o sacco.*) Meu irmão, fuja depressa d'estes sitios, para que o contagio da minha culpa, e da minha pobreza o não toque! Vá, e não diga que tem aqui uma irmã, que eu prometto nunca proferir o seu nome... deixe-me com minha filha, e não abrevie os dias do meu bemfeitor!...

PEDRO, *a meia voz*

Ha um grande coração n'esta infeliz! Qual de nós será o deshonrado?!

D. AMALIA, *tomando-lhe as mãos*

Tu não tinhas assim uma alma cruel, Pedro!

PEDRO, *arrebatado*

É um toque divino! (*Vae ao grupo, e toma a creança em transporte.*)

JOSEFINA

Minha filha! dê-me a minha filha.

PEDRO, *muito commovido*

Não consentes que eu beije tua filha, minha irmã? (*O padre ergue as mãos. Josefina fica suspensa, e como extatica em sua alegria. Amalia abraça o marido e sobrinha no mesmo abraço.*)

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

Saleta com mobilia rica, fogão com lume.

SCENA I

Um criado de libré traz algumas cartas, que põe sobre uma mesa, e sahe.

LUIZ D'ATHAIDE, *em trajes domesticos, abre duas cartas, que depõe, vendo a assignatura, e repara no sobrescripto da terceira.*

LUIZ

Carimbada em Lisboa, letra fingida!... isto deve ser uma carta anonyma... Sou mimoso d'estas brincadeiras... (*Com admiração, lendo a assignatura.*) Josefina Emilia! Como?! esta mulher estará em Lisboa!? (*Lê.*) «Quando se é mãe extremosa, sente-se bom o «coração para todo o mundo: até ao algoz se perdôa. «Minha filha é a tua imagem: sem te conhecer, pede-«me por ti. A tua vida está em perigo. Foge de Lis-«boa.—*Josefina Emilia.*» Que quer dizer isto?! Não posso imaginar que brinquedo é esta carta... (*Repete a leitura mentalmente.*)

SCENA II

LUIZ D'ATHAIDE E CRIADO

CRIADO

Um bilhete d'um senhor que espera.

LUIZ

Que suba para esta sala, e tenha a bondade de esperar um instante. (*O criado sahe.*) Pessima occasião de visitas! (*Sahe deixando descuidosamente a carta sobre a mesa.*)

SCENA III

PEDRO D'OLIVEIRA E CRIADO

PEDRO

Eu não quero ser importuno. Se incommódo o snr. Luiz d'Athaide, retiro-me.

CRIADO

S. exc.ª vem já. (*Sahe.*)

(*Pedro, pondo o chapéo sobre a cadeira immediata á mesa, vê a carta. Lê em sobresalto, e, ouvindo passos, finge-se tranquillo.*)

SCENA IV

LUIZ D'ATHAIDE E PEDRO D'OLIVEIRA

LUIZ

O meu amigo desculpa-me fazel-o esperar...

PEDRO

Oh! cavalheiro...

LUIZ, *conduzindo-o ao sophá*

Como passou o resto da noite... isto é, o resto da manhã?

PEDRO

Dormitei alguns minutos. Depois d'um baile tão animado, tão variado, tão rico de todos os excitantes, os nervos não descansam, e a imaginação folga de reproduzir as scenas. Estavam alli mulheres divinas! A sua promettida esposa, snr. Athaide, é uma formosa menina. É uma d'essas raras mulheres, que enchem o coração de ternura e a cabeça de orgulho.

LUIZ, *com fatuidade*

Penso que sim. Não estou fascinado a ponto de jurar que a amo muito. Tambem não caso deslumbrado pelo dote que tem. Sabe o meu amigo como se explica o meu casamento? Estou aborrecido de mim. Estou cansado de ser abelha de todas as flôres. Resolvi fazer-me mollusco, e pouco me importa que minha mulher seja uma pedra, com tanto que eu seja uma ostra.

PEDRO, *risonho*

É espirituosa a metáphora! Deve ter tido uma vida bem afortunada quem, tão novo, no vigor dos annos,

concebe tedio de si mesmo!... A embriaguez do gôso parece-se com a do vinho: deixa a alma desfallecida e inerte.

LUIZ

Ha grandes lances na minha vida, snr. Oliveira...

PEDRO

Rapaziadas gloriosas, não?

LUIZ

Não, senhor. Eu tenho crimes... e a gloria dos crimes, é preciso estar muito corrompido, para acceital-a das mãos da sociedade corrompida que a dá. O que sinto em mim não é corrupção, é lethargo... Como quem se abre a um amigo de poucos dias, mas de muita confiança, dir-lhe-hei que tenho na minha vida paginas negras, que tomára eu podel-as arrancar. Ser mau, quando se quer ser bom, custa muito... (*Muda para o jovial.*) Mas que culpa tem o senhor das minhas melancholias?!

PEDRO

Parece-me que o snr. Luiz d'Athaide tem uma romanesca imaginação facil de exaltar-se com as impressões de momento...

LUIZ

Uma recebi eu agora, que me impressionou bastante. Vou-lh'a revelar como prova de muita confiança... (*Procura nas algibeiras, ergue-se, busca, e acha a carta sobre a mesa.*) Aqui está o que eu buscava. (*Pedro ergue-se.*) Recebo agora esta singularissima carta. Queira vêr. (*Pedro lê alto.*)

PEDRO

Parece-me que ha aqui uma situação melodramatica. (*Dá-lhe a carta.*)

LUIZ

Isto, ou é logração de possoa que soube das mi-

nhas relações com esta mulher, ou então... é um aviso muito sério.

PEDRO, *abstrahido*

De certo... um aviso que não deve ser despresado.

LUIZ

Mas não vejo de quem possa vir um desforço tão summario. Esta mulher é da provincia. Não tinha alguem que, depois de sete ou oito annos, me viesse pedir contas tão solemnes d'uma aventura tão ordinaria... Não sei, não sei o que deva pensar d'isto...

PEDRO

Bem póde ser uma logração. Tem o meu amigo rivaes por causa da sua noiva?

LUIZ

Devo ter; mas não sei que tenha algum tão lôrpa que promovesse a minha derrota com similhante arma. Todavia... póde ser... Os lôrpas são numerosos, segundo a Biblia, e o amor faz um novo todos os dias.

PEDRO, *risonho*

Diz muito bem... o amor faz muitos lôrpas, quando não faz criminosos... Antes os primeiros... Outro assumpto... V. exc.ª dá-me a honra da sua estima...

LUIZ

Ó senhor!... é admiravel a dedicação que lhe boto, snr. Oliveira, conhecendo-o apenas ha quinze dias.

PEDRO

As sympathias nascem de improviso, e diz um escriptor que são uma especie de reminiscencia entre duas pessoas que já foram muito amigas n'uma outra vida.

LUIZ

Impressionou-me essa sombria tristeza que o domina sempre!... Nem hontem no baile o vi risonho! E sua senhora participa do seu caracter... triste sem-

pre! O meu amigo tem necessariamente uma nuvem negra que lhe escurece todos os objectos.

PEDRO

Nem todos. Vejo n'este mundo objectos luminosos ao pé das trevas. Vejo rosas, e espinhos. Fontes limpidas, e charcos asquerosos. A fome nutrindo-se de gemidos, e a abundancia devorada pela fome de sensações novas. Vejo lagrimas de sangue, e risos injuriosos. Supplicas, e sarcasmos. Victimas opprimidas, e verdugos coroados. Já vê que nem tudo é negro diante dos meus olhos. Ha variedade nas minhas impressões. Bem longe de ser mysanthropo, vivo como tem visto, vou procurar sensações agradaveis a toda a parte do mundo onde as presinto... e...

LUIZ

Mas triste sempre!

PEDRO

É indole, snr. Luiz d'Athaide... desmancho de organisação que vem de longe, desde creança talvez, quando na terra do oiro, vi a fortuna de certos homens respeitados, arrastada pelos cabellos sobre um estrado de sangue e lagrimas. Estranhei a torpeza da minha raça. E, desde então, a cada passo que dou encontro na ponta do pé um vestigio da maldade dos homens... (*Mudança de tom.*) Mas onde me leva este sestro de missionario! Na certeza de que me ennobrece com a sua estima, desejava vêl-o no meu hotél, onde, depois d'ámanhã, dou o primeiro jantar a algumas senhoras, relações de minha mulher, e a alguns amigos d'ambos nós. Dá-me o prazer de contal-o no numero dos que me honram?

LUIZ

Acceito o convite como uma distincção.

SCENA V

OS MESMOS E CRIADO

CRIADO

Está na sala de espera um padre que quer fallar com v. exc.ª (*Expressão de susto na physionomia de Pedro.*)

PEDRO, *áparte*

Será possivel!

LUIZ

Pergunta-lhe o que quer.

CRIADO

Perguntei, e respondeu que só diria a v. exc.ª o que queria.

LUIZ

Que entre. (*O criado sahe.*) Algum empenho para o ministro, ou alguma esmola...

PEDRO, *tomando o chapéo*

Fico, pois, certo da sua condescendencia. Quer dar-me as suas ordens?

LUIZ

Já?!

PEDRO

Por muita necessidade, snr. Athaide.

(*Encontram-se Pedro e padre Henrique na entrada da sala. Luiz d'Athaide, surprezo, não vê a surpreza de Pedro.*)

SCENA VI

PADRE HENRIQUE E LUIZ D'ATHAIDE

PADRE HENRIQUE

Creio que não sou para v. exc.ª um homem inteiramente desconhecido.

LUIZ

Não, senhor, não é. Conheço o snr. padre Henrique perfeitamente. (*O padre vae poisar a bengalla e o chapéo.*) Será este o meu assassino?! (*Áparte.*)

PADRE HENRIQUE

Acho-me em casa do snr. Luiz d'Athaide, e, por isso, pedirei licença para fallar.

LUIZ, *offerecendo-lhe a cadeira, que elle não acceita*

Queira dizer, snr. padre Henrique.

PADRE HENRIQUE

V. exc.ª é o pae d'uma creancinha que eu amo muito, porque é filha d'uma infeliz que eu creei nos meus braços, desde os cinco annos em diante. Pelo amor d'estas duas creaturas, que eu amo pelo amor de Deus, vim bater á sua porta, como quem acorda um irmão para avisal-o de que um incendio lhe lavra na casa.

LUIZ, *tranquillo*

Já hoje tive um aviso de que me querem assassinar. O snr. padre Henrique vem...

PADRE HENRIQUE, *risonho*

Assassinal-o? não, senhor.

LUIZ

Não digo assassinar-me... Vem dar-me testimunho de que o aviso não é uma fabula.

PADRE HENRIQUE

Fabula não é, venha elle d'onde vier.

LUIZ

É sua propria sobrinha que me escreve.

PADRE HENRIQUE

Minha sobrinha?!... É pois certo que minha sobrinha é uma sancta! Que impressão lhe fez o aviso, snr. Athaide?

LUIZ

A impressão do espanto, e, depois do seu segundo aviso, a da cautela.

PADRE HENRIQUE

Só a impressão da cautela? A da piedade seria um signal bem evidente de que a sua alma é boa.

LUIZ

Mas póde saber-se que saguinaria vingança é esta, depois de sete annos?

PADRE HENRIQUE

Como homem do mundo responderei que na honra não ha prescripções. Sete dias ou sete annos a deshonra é a mesma, até creio que a chaga, aberta sete annos, é um padecer mais longo. Como homem encarregado de lembrar aos homens os preceitos de Deus, direi a v. exc.ª que venho aqui com as minhas lagrimas para que não corra uma gôta de sangue.

LUIZ, *sorrindo*

Parece-me que o entendo. Tracta-se d'um homicidio, o executor d'alta justiça ninguem sabe quem é, e o snr. padre, como poder moderador, commuta-me a pena, se eu acceder a condições que vae propôr-me. Ouviremos.

PADRE HENRIQUE

São mal escolhidas as ironias, snr. Athaide. Eu na sua posição... chorava.

LUIZ

Não tenho um motivo bem justificado para chorar, creio eu.

PADRE HENRIQUE

Tem. O homem que fez desgraçada uma mulher, se ella é capaz de comprehender bem dentro do coração a sua desgraça, deve choral-a. Mulheres haverá que não mereçam compaixão, porque descem de crime em crime, justificando-se com o primeiro erro. A mãe de sua filha, senhor, soffre hoje o que soffreu no primeiro dia do seu desamparo. Se as lagrimas d'ella são um merecimento diante de Deus, porque não hão de ser um incentivo de piedade diante dos homens?

LUIZ, *com gravidade*

Falle-me, com sinceridade, snr. padre Henrique. Josefina quer um dote para sua filha?

PADRE HENRIQUE

Josefina regeitou o dinheiro que v. exc.ª mandou dar-lhe, depois que a abandonou. Respondeu então á pergunta que me é feita agora.

LUIZ

O que eu lhe mandava dar não bastaria ás suas necessidades. Hoje darei uma grande parte do que possuo.

PADRE HENRIQUE

Tudo o que v. exc.ª possue não resgata este titulo de divida. (*Tira da carteira uma carta, e lê o seguinte fragmento.*) «Josefina, tu és minha esposa perante Deus, e brevemente o serás perante os homens. Sinto não ser tão livre já, quanto me é necessario para ser feliz. Se eu te atraiçoasse, ao vêr esta carta, cahiria

fulminado... » V. exc.ª não cahe fulminado; mas estes juramentos não podem ser vãos na justiça divina... A sociedade raras vezes pede contas d'elles... isso é verdade... mas, se as pede, o braço debil do ministro de Deus não basta para desviar o golpe.

LUIZ

Vem, portanto, o senhor propôr-me o casamento de sua sobrinha.

PADRE HENRIQUE

Propôr, não, snr. Athaide. Foi v. exc.ª que m'o propôz, ha oito para nove annos. Venho... não digo *venho*... podia vir propôr-lhe o cumprimento da sua palavra.

LUIZ

Acho arrogante a missão.

PADRE HENRIQUE

Tanto não é arrogante, senhor, que eu vou cumpril-a com os joelhos no chão.

LUIZ, *erguendo-o*

Senhor!... Diga-me quem é que se interessa por sua sobrinha a ponto de ameaçar-me a vida! Ella avisa-me, o senhor avisa-me... quem é o assassino?

PADRE HENRIQUE

Será um desgraçado que as minhas lagrimas e as d'ella não conseguirão abrandar.

LUIZ, *agastado*

Mas quem, senhor?!

PADRE HENRIQUE

Não sou denunciante, snr. Athaide.

LUIZ

Mas se o interrogarem n'um tribunal?

PADRE HENRIQUE

No tribunal de Deus não ha segredos: somos todos conhecidos. Cá em baixo, quem me interrogará?

LUIZ

E, porque não hei de eu suppôr que entre o senhor e sua sobrinha ha uma combinação feita para me levarem pelo terror?! A apresentação d'essa carta... É uma combinação!...

PADRE HENRIQUE

Ha uma combinação feita para o salvarmos, senhor! (*Aproxima-se do fogão.*) A carta de que serve? (*Lança-a ao fogo.*) Eil-a alli... durou menos que a palavra do homem!... (*Com intimativa.*) Fuja hoje de Lisboa, senhor!

LUIZ

Que fuja!?

PADRE HENRIQUE

Fuja, e não leve o nome que tem para onde fugir. Até aqui foi uma advertencia, agora é uma supplica. Fuja, e depressa, e já! Fez uma desgraçada, não faça um homicida. Promette sahir, snr. Athaide?

LUIZ

Não prometto sem provas evidentes do perigo que o senhor quer incutir-me.

PADRE HENRIQUE

Que precisão pueril teria eu de o enganar? A sua fuga melhoraria a condição de minha sobrinha?!

LUIZ, *colerico*

Seja o que fôr, eu digo-lhe, a final, que affronto, face a face, o meu assassino... seja elle quem fôr! Duvido, porém, que o assassino, se tal existe, me mostre a cara.

PADRE HENRIQUE, *tomando o chapéo e a bengalla*

Mostra, mostra, snr. Athaide, e mostrar-lhe-ha a face pura. O seu sangue será n'ella a primeira nódoa. (*Sahe.*)

SCENA VII

LUIZ D'ATHAIDE E DEPOIS UM CRIADO

LUIZ

É uma situação muita séria ou muito ridicula? Original é... de certo! (*Tange a campainha.*) Não posso ser superior ao receio! (*Ao criado, que entra.*) Quero bem limpo o meu par de pistolas d'algibeira. Ordem ao guarda-portão que não deixe passar do páteo alguem sem minha ordem. (*O criado sahe.*) Feliz idéa! (*Tange a campainha, e o criado torna.*) Segue esse padre que d'aqui sahiu, depressa, depressa, e vê em que casa entra. (*O criado sahe.*) Isto não póde ser fabula! Mas se o não é... que assassino é este?! Quem é que defende a honra d'estas mulheres?... Mentira, indispensavelmente mentira!

CRIADO, *com uma carta*

O padre entrou n'uma sege e partiu a todo o galope. E' impossivel seguil-o... Deram-me no páteo esta carta.

LUIZ

Anonyma! letra de mulher!... (*Lê.*) «Uma pessoa que muito se interessa na sua vida, pede-lhe que fuja hoje de Lisboa.» Terceiro aviso! Quem é esta mulher?! (*Ao criado.*) Segue o portador d'esta carta! depressa! (*Sentando-se prostrado.*) Que infernal combinação!

FIM DO SEGUNDO QUADRO

TERCEIRO QUADRO

SCENA I

D. AMALIA E AS DUAS DAMAS DESIGNADAS 1.ª E 2.ª
PEDRO D'OLIVEIRA
LUIZ D'ATHAIDE E DOIS CAVALHEIROS

Estão á sobremesa d'um jantar.

PEDRO

Observo, com grande mágoa minha, um assombro funebre em todos os semblantes. Nunca se viu jantar tão desanimado, tão silenciosamente triste no *desér!* Dir-se-ia que entrou em todos os corações um presentimento funebre! Que será?

Nos banquetes dos Borgias, onde os venenos filtravam dos cristaes, haviam risos expansivos, e folías que disfarçavam a fealdade dos paroxismos. No famoso festim de Balthasar tingiu o terror as faces dos convivas, depois que o dedo mysterioso escreveu na parede a legenda terrivel. Aqui não ha venenos nem legendas, não ha Balthasares nem Borgias, e assim estamos nós como n'um repasto de phantasmas!

Snr. Athaide, dê alma a estes corpos mortos! Contenos em giria elegante uma das suas scenas de D. João!

LUIZ

O cavalheiro sabe que eu não costumo infatuar-me de vaidades loucas... As minhas galanterias não conseguiriam despertar a sensibilidade comica dos seus hospedes... Durante este jantar tenho visto lagrimas mal disfarçadas, e seria pretenção cruel o querer enxugal-as com agudezas de mau gosto...

PEDRO

Lagrimas!? pois quem é que chora? (*Silencio de instantes.*) Digna-se responder-me, cavalheiro? (*Para Luiz d'Athaide.*)

1.ª DAMA

A snr.ª D. Amalia tem chorado sempre...

PEDRO, *pensativo*

Ah! minha mulher?... Minha mulher tem dias de amargura... chora sem causa... é uma doença incuravel... e muito afflictiva... (*Escondendo o rosto entre as mãos.*) É uma terrivel doença...

1.º CAVALHEIRO

Caprichos de nervos, talvez...

2.º CAVALHEIRO

É natural...

PEDRO

Creio que sim, meus senhores...

2.ª DAMA

E parece que está mais afflicta agora!...

D. AMALIA, *suffocada por soluços*

Não, minha senhora; isto passa. (*Erguem-se todos.*)

PEDRO

Queres entrar no teu quarto, Amalia?

D. AMALIA

Estou melhor, filho... não quero... (*Aperta-lhe*

com vehemencia as mãos; e a meia voz.) Pelo amor de Deus!...

1.ª E 2.ª DAMAS

Sente-se, sente-se...

1.º CAVALHEIRO

Parece que desmaia!

2.º CAVALHEIRO

È grande accesso de nervoso!

LUIZ

A snr.ª D. Amalia talvez esteja constrangida, e quererá ficar só...

2.º CAVALHEIRO

Então retiremo-nos.

2.ª DAMA Á 1.ª

E ficaremos nós com ella, snr.ª viscondessa?

PEDRO

Pelo contrario... O maior allivio que vv. exc.as podem dar aos padecimentos de minha mulher é ficarem todos. Esta nuvem foge á distracção d'uma conversa alegre. Mas se queres sahir, Amalia...

D. AMALIA

Não, não quero...

PEDRO, *ao* 1.º *cavalheiro*

Sentemo-nos, e conversemos. Então, snr. visconde, não nos conta alguma novidade deleitosa?

1.º CAVALHEIRO

Estou de tal sorte penalisado pelo soffrimento de sua senhora...

PEDRO, *para o* 2.º *cavalheiro*

Então é este cavalheiro que nos vae fazer rir com uma anecdota das suas... Vae-nos dizer qual é a dama que inspira hoje o primeiro ministro no seu gabinete...

2.º CAVALHEIRO

Não posso, snr. Oliveira... Ha aqui uma especie de desfiguração em todos nós...

PEDRO

Em todos nós... diz v. exc.ª muito bem. (*Para os criados.*) Retirem-se. (*Executam.*) Até no snr. Athaide, superior á superstição do medo, se observa um espasmo.

N'um castello dos contos nocturnos de Hoffmann, conta-se que os convivas dos banquetes ficavam assim. Mas o terror d'este castello não era pânico. Andava lá o espectro d'um tal Daniel, grande scelerado... Ia eu agora repetir uma historia negra, quando o que precisamos é luz... É verdade, snr. Athaide... idéas associadas a espectros e assassinos... Desde antes de hontem não occorreu alguma eventualidade?

LUIZ

A que respeito, cavalheiro?

PEDRO

Como é esquecido!... A respeito d'aquelle aviso...

LUIZ

Ah! sim!... Hei de contar-lhe epysodios...

PEDRO

Mas epysodios que desmentem a catastrophe promettida na carta?

LUIZ

Justificam o primeiro aviso.

PEDRO

Sim? então... seriedade... E o senhor previne-se?... bem claro...

LUIZ

Muito prevenido.

PEDRO

Em quanto a mim o desfecho mais grato á pessoa que o avisou seria um casamento...

LUIZ

É natural; mas impossivel...

PEDRO

Tal será a distancia de nascimentos e patrimonios...

LUIZ

Immensa distancia...

1.ª DAMA

Já se vê que é historia d'amores... A gente fica sabendo metade... Eu contarei á Clarinha, snr. Athaide... Deixe estar...

PEDRO, *risonho*

Pois o snr. Athaide, se a quizer contar, sabe-a toda... mas naturalmente, não quer deshonestar-se aos olhos de senhoras, nem contar as suas proezas como Cesar.

LUIZ

Proezas!... Loucuras infantis!... Sabe? aquelle padre que entrou quando v. exc.ª sahiu, era um epysodio do drama sanguinolento.

PEDRO

Sim?!... Ha muitos cumplices, pelo que vou vendo, no attentado!

LUIZ

E ainda mais...

PEDRO

Ainda mais! que maravilhosa conspiração!

LUIZ

Um terceiro aviso em papel-setim e letra ingleza. (*Vae tirando a carta da algibeira.*)

PEDRO

Caso novo!

1.ª DAMA, *para Amalia sobresaltada*

Está mais afflicta?

*

LUIZ

Não será possivel conhecer-se a dona d'esta bonita caligraphia? (*Dá a carta a Pedro, que não é superior á violencia da commoção.*) O cavalheiro conhece a letra?! Mudou de côr!

TODOS, *excepto Amalia*

É verdade!

PEDRO, *contrafeito*

Isso é illusão, minhas senhoras!... Conheces a letra, Amalia?

D. AMALIA, *sem encarar a carta*

Seria talvez uma mulher muito amiga do assassino.

LUIZ, *com fatuidade*

E porque não havia de ser do assassinado, minha senhora?!

PEDRO

Tanta gente a querer salval-o, snr. Athaide!... V. exc.ª deve sèr um mancebo bem virtuoso!...

SCENA II

OS MESMOS E MARIA, QUE ENTRA DISTRAHIDA NA SALA

1.ª DAMA

Ai! que menina é aquella! (*Olham todos.*)

VOZES

É verdade!

D. AMALIA, *a meia voz*

Jesus, valei-nos!

PEDRO

Venha cá, minha menina, venha cá ao seu amiguinho. (*Toma-a ao collo.*)

2.ª DAMA

É filha da dona do hotél?

PEDRO

Não, snr.ª baroneza. Esta menina é uma providencia que entrou agora a dar-nos assumpto em que fallemos. Venha cá, filhinha. (*Vae com ella á mesa.*) Ha de comer alguma coisa, sim?... Quer uma pêra?

MARIA

Pois sim.

PEDRO

O snr. Athaide, como vae brevemente ser esposo, bom é que aprenda a ser pae... Venha cá, sente-se ao pé d'esta creancinha, e apare-lhe a pêra... Habitue-se ás denguices paternaes.

LUIZ, *sentando-se com a menina no joelho*

Eu sou amicissimo de creanças, e as creanças distinguem-me sempre. Li em alguma parte que o amor das creanças e dos animaes é signal de morte prematura.

D. AMALIA

Jesus!

1.ª DAMA

Que é?!

D. AMALIA

Uma palpitação tão violenta...

2.ª DAMA, *a Pedro*

Sua senhora está peior...

PEDRO

Eu conduzo-te ao quarto, Amalia...

D. AMALIA

Não vou, estou melhor aqui... Vem cá... (*Toma-lhe as mãos com muita afflicção, e encara-o com supplicante ternura.*)

PEDRO.

Confiança em Deus, filha! (*As damas olham-se admiradas.*) Vamos á historia d'esta menina. (*Senta-se.*) Chegando eu, faz hoje um mez a esta hospedaria, chegava ao mesmo tempo uma senhora, um velho, e esta creança. Minha mulher que reparte pelas creanças o amor que não póde dar aos seus filhos, tomou aquella á sua conta de beijos e carinhos, relacionou-se desde logo com a mãe, e fizeram-se amigas. Com a amizade veio a confiança, e a mãe d'aquella menina contou-lhe assim a sua historia. É natural da provincia de Traz-os-Montes. Orphã de pae e mãe, desde os dez annos, vivia com um tio egresso d'uma ordem mendicante. Ha de haver oito annos, conta ella, um morgado seu visinho, vendo-a acompanhar um velho tio a passeios na convalescença d'uma perigosa enfermidade, seguiu-a todas as tardes, e prodigalisou ao velho padre muitas attenções, visitou-o, algumas vezes na sua pobre casa, honrou-o muito com a sua confiança, e começou o namoro da sobrinha. A rapariga recebeu a declaração do amante, e foi banhada em lagrimas depositál-a no coração do velho.

O padre, mais entendido nas innocencias do céo que nas torpezas do mundo, ouvindo as palavras honestas da declaração, não se benzeu, nem fez tregeitos de beato. Disse á sobrinha que pedisse a Deus humildemente a protegesse dos perigos, e lhe inspirasse o que fosse em bem da sua alma.

Parece que o céo lhe ouvira os rogos durante um anno. O cavalheiro, apesar de amestrado na arte da

seducção, inutilisou todos os seus esforços. A innocencia parece-se com a rosa em botão nos espinhos que a defendem. Incapaz, porém, de recuar vexado diante da virtude invencivel, o cavalheiro tentou o ultimo expediente: o mais ignobil de todos. Dirigiu-se ao padre, e pediu-lhe a sobrinha com todas as formalidades usadas entre nobres. O pobre velho, cheio d'um sancto contentamento, chamou a sobrinha, e apertou-os a ambos no mesmo abraço. O fidalgo, desde esse dia, deu-se o direito de visitar com menos recato a sua noiva. O suspirado casamento espaçou-se, porque era necessario obter o consentimento do pae rebelde ao amor inconveniente e villão do filho, representante de nove gerações.

Entretanto os rogos de Josefina... Chamava-se ella assim... Os rogos de Josefina deixavam de ser ouvidos no céo... Como é que o céo se fecha ás supplicas d'estas desgraçadas... isso é que eu não sei, nem questiono. E' certo que Josefina... Agora me recordo, snr. Athaide, que ha duas Josefinas a datarem a sua queda, no mesmo tempo, e no mesmo precipicio... Deshonrada, perdida, e desamparada, minhas senhoras...

1.ª DAMA

Desamparada!? pois esse infame homem...

PEDRO

Desamparou-a, fugiu, no mesmo dia em que o padre, sabendo a queda de sua sobrinha, foi lançar-se aos pés do pae do noivo, pedindo-lhe o consentimento. E obteve-o! obteve-o! (*Sorrindo.*) Uma zombaria, sobre uma infamia! O pae consentiu que seu filho viesse para Lisboa desvanecer o preconceito nas variadas sensações que podia dar-lhe a sua riqueza.

1.º CAVALHEIRO

É infame!

2.º CAVALHEIRO

Atrocidade!

PEDRO

Não gastemos epythetos, cavalheiros. A ordem regular do mundo é esta. (*Sorrindo.*) Das agonias de uns é que dependem os prazeres de outros. Eu creio que nenhum de nós é tão inepto que queira incravar a roda dos acontecimentos... Incraval-a é sahir com o braço partido... Ora venha cá, minha menina... Venha dar-me um beijo...

LUIZ, *apertando-a contra o seio*

Deixe-a estar no meu collo... Quer estar no meu collo, filha?

MARIA

Sim, senhor.

D. AMALIA, *correndo ao marido*

Lagrimas!

1.ª DAMA

Commoveu-se, contando o triste caso. Tem um excellente coração, snr. Oliveira. E a mãe d'esta menina, tem meios?

PEDRO

Não, minha senhora. É pobre. Sou eu que lhe abono as despezas n'este hotél.

2.ª DAMA

E encontrará ella esse malvado que procura?

1.ª DAMA

Quem me déra vêl-a! Tenho immenso prazer, recebendo em minha casa esta familia! Olha, visconde; o padre era nosso capellão, a sobrinha era mestra da nossa Francisquinha, e aquelle anjinho haviamos de tractal-o como nossa filha.

1.º CAVALHEIRO

Eu acceito o encargo com muito gosto.

PEDRO

E ella precisa bem das esmolas de todos nós. Até o snr. Athaide dá um vestidinho áquella menina... (*Athaide beija carinhosamente a creança sem responder.*)

D. AMALIA, *com alegria*

Como elle está commovido, meu Deus!

1.ª DAMA

Quem não ha de commover-se! Se eu podésse vêr a mãe!...

PEDRO

Póde, minha senhora!... (*Athaide ergue-se com indecisão.*) Não quer conhecel-a, snr. Athaide? (*Toca uma campainha.*)

LUIZ

É uma nobre desgraçada... que deve ser vista...

PEDRO, *ao criado*

A mãe d'esta menina se faz favor de entrar n'esta sala, que lh'o pede a snr.ª D. Amalia. (*D. Amalia segue o criado.*) Não parece que durante o jantar tivemos todos os presentimentos d'esta scena triste? (*Silencio de alguns instantes. Maria quer subir ao collo de Luiz d'Athaide.*)

SCENA III

OS MESMOS, JOSEFINA E D. AMALIA, TRAZENDO-A PELA MÃO E DEPOIS PADRE HENRIQUE

PEDRO

Venha, senhora! Ha aqui pessoas que sympathisam com o seu infortunio.

(*Josefina, vendo Athaide, estremece, e pende a cabeça esvaida no hombro de D. Amalia. Maria foge de Athaide para a mãe, beijando-lhe a mão. O padre entra lentamente na sala.*)

1.ª E 2.ª DAMA

Ella desmaia!

PEDRO

Na presença de muita gente... foi talvez o pejo...

PADRE HENRIQUE, *encostando-a a si*

Estou aqui, minha filha, estou aqui comtigo. (*Josefina fixa-o espavorida.*)

D. AMALIA

Deixe-a sentar, snr. padre Henrique.

JOSEFINA, *ao padre*

Uma gôta d'agua!... (*Amalia chega-lhe o copo. Com muita anciedade.*) Salve-o!

(*Pedro vae sentar-se na cadeira mais afastada. Esconde o rosto nas mãos. D. Amalia corre a elle, curvando-se-lhe ao ouvido.*)

JOSEFINA, *á filha*

Não chores, Maria, vem cá... (*Quer tomal-a nos braços e não póde.*) Não posso... dê-m'a, meu tio...

1.ª DAMA, *sentando-lhe a menina no regaço*

Sabemos quanto soffre, minha pobre menina. Anime-se que os seus padecimentos são muito nobres. Eu já pedi licença ao snr. Oliveira para ser sua protectora... Não chore.

JOSEFINA, *com fingida alegria*

Eu não choro...

1.º CAVALHEIRO

É pena que não seja conhecido, para ser severamente castigado o algoz d'esta senhora.

LUIZ, *com humildade*

Sou eu, senhor! (*Espanto.*)

1.ª E 2.ª DAMA

O senhor!

1.º CAVALHEIRO

Isto é crivel, snr. Oliveira!

LUIZ, *crusando os braços diante de Josefina*

Tu não me accusas, Josefina!? (*Josefina soluça escondendo a face no lenço.*) Não me accusas, Josefina?! (*Toma-lhe a filha dos braços.*) Filha! ajoelha ao pé de mim, pedindo o perdão de teu pae! (*Ajoelham. Josefina curva-se para erguel-o, e, vendo o irmão que se aproxima, severo, corre a abraçal-o.*)

JOSEFINA

Eu sou a desgraçada, e perdoei!

D. AMALIA

Pedro! tu tens uma alma muito nobre! Pedro! pelo nosso amor!

PEDRO, *a Josefina*

Pois se perdoaste, o verdugo que vá em paz! Eu sou o irmão d'esta mulher!

VOZES

Irmão!

PEDRO

Acceito-a deshonrada... Sobeja-lhe a nobreza da alma, que a sanctifica aos meus olhos. Casada com este homem... rejeito... quebro os laços de sangue que nos prendem... (*Tocando no hombro de Luiz de Athaide.*) Não vá o cavalheiro persuadir-se que eu lancei com todo este apparato uma rêde á sua compaixão... Os tres avisos que recebeu, senhor, não foram uma astucia de romance. A morte, que lhe vaticinaram, não o esperava atraiçoadamente. Eu queria vêl-o primeiro, na presença d'aquella mulher e d'essa creança... Sabe porque? Faltava-me o animo... e quiz tirar do seu cynismo o ultimo alento que não tinha para

acceitar a responsabilidade do assassinio... Enganei-me... Quando mais não fosse, os labios silenciosos daquella creança absolveram-no... E não tenho mais que lhe diga... A sua presença d'aqui em diante recebo-a como uma affronta...

JOSEFINA

Oh meu Deus! faltava-me esta agonia! (*Corre aos braços do tio.*)

PADRE HENRIQUE

Se te faltava esta agonia, recolhe-a onde tens recolhido as outras, ao coração de teu velho tio, que ainda tem forças para muitas.

LUIZ, *a Pedro*

Sou, pois, um homem bem despresivel, senhor... ou o seu coração deve ser muito duro!

PEDRO, *com severidade*

Sáia, senhor!

JOSEFINA

Oh! meu tio!

PADRE HENRIQUE

Eu posso mais que tu, meu sobrinho. Tu tens a força da paixão humana, e eu invoco o auxilio da protecção divina. Quem vence n'estes lances é a religião, não é o homem. Josefina é esposa de Luiz de Athaide! Queres que este velho ajoelhe a teus pés? (*Faz menção de ajoelhar-se.*)

PEDRO, *erguendo-o*

Por Deus!

PADRE HENRIQUE

Snr. Athaide, venha apertar a mão de seu irmão. (*Ao mesmo tempo, D. Amalia faz que a mão de Pedro toque a de Luiz de Athaide.*)

JOSEFINA, *de mãos erguidas*

Eu vos agradeço, meu Deus!

PADRE HENRIQUE

Ajoelha, Josefina. N'estas luctas a humildade com que se triumpha deve ser tão grata a Deus como aos homens. Eu vou ajoelhar ao pé de ti, minha filha!

FIM

PQ
9261
C3E8
1864

Castello Branco, Camillo
Espinhos e flores 3. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 08 005 7